

# O CONHECIMENTO SOBRE O USO DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM ESTUDANTES DE MEDICINA DE UMA INSTITUIÇÃO PARTICULAR EM BELÉM DO PARÁ

*Data da submissão: 14/03/2023*

*Data de aceite: 02/05/2023*

**Évila Fernanda Lameira de Melo Sodré**

Belém – PA

<http://lattes.cnpq.br/8018466973515241>

**Júlia Henrique Sabino**

Belém - PA

<http://lattes.cnpq.br/9031527639817586>

**Fernanda Caroline de Sousa Ribeiro**

Belém – PA

<http://lattes.cnpq.br/6845213689061669>

**RESUMO:** **Introdução:** As Práticas Integrativas e Complementares (PICs) abordam o indivíduo de forma holística, visando à prevenção ou à terapêutica de doenças, enfocando o estilo de vida e emocional. PICs são recursos capazes de atuar nos diferentes aspectos da saúde, propiciando tanto a recuperação da saúde quanto a prevenção de doenças e agravos, sejam eles físicos ou mentais. Os profissionais que exercem esse modelo ofertam alternativas diferentes de promoção da saúde. **Objetivo:** Identificar o conhecimento sobre a utilização das PICs por acadêmicos de medicina do 6º, 7º e 8º período em uma instituição particular, em Belém do Pará. **Metodologia:** A

metodologia escolhida foi a técnica descritiva de campo, aplicada de forma direta por meio da coleta de dados com 100 alunos. **Resultados:** A maioria eram do sexo feminino, sendo que a idade média era entre 22 e 25 anos. Percebeu-se que 83% dos estudantes sabiam o que eram as PICs, e a maior parte já havia feito uso de alguma delas, sendo as principais utilizadas: aromaterapia; fitoterapia e plantas medicinais. Contudo, a maioria usa raramente as PICs, sendo que mais de 70% informaram que recomendariam as PICs e que, após o seu conhecimento, indicariam a seus pacientes. Por fim, 80% gostariam que esse assunto fosse abordado na faculdade na etapa curricular, e mais de 90% gostariam de obter mais informações sobre as PICs. **Conclusão:** Foi possível perceber que a maioria dos acadêmicos de medicina fazem ou já fizeram o uso das práticas integrativas e complementares e tiveram resultados positivos. Porém, foi observado que o conhecimento durante o decorrer do curso de medicina é escasso, sendo necessária a introdução em alguma etapa curricular da faculdade, no âmbito teórico e prático. Além disso, os alunos demonstraram muito interesse em se aprofundar no assunto, para que possa ser usado como alternativa

terapêutica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Métodos Terapêuticos Complementares; Estudantes de Medicina; Educação Médica; Recursos em Saúde.

## KNOWLEDGE ABOUT THE USE OF INTEGRATIVE PRACTICES AND COMPLEMENTARY IN MEDICINE STUDENTS AT A PRIVATE INSTITUTION IN BELÉM DO PARÁ

**ABSTRACT:** Introduction: Integrative and Complementary Practices (PICs) approach the individual in a holistic way, aiming at the prevention or treatment of diseases, focusing on lifestyle and emotions. PICs are resources capable of acting in different aspects of health, providing both the recovery of health and the prevention of diseases and injuries, whether physical or mental. The professionals who exercise this model offer different alternatives for health promotion. Objective: To identify knowledge about the use of PICs by medical students in the 6th, 7th and 8th period at a private institution in Belém do Pará. Methodology: The methodology chosen was the descriptive field technique, applied directly through data collection with 100 students. Results: Most were female, with an average age between 22 and 25 years. It was noticed that 83% of the students knew what PICs were, and most had already used one of them, the main ones being: aromatherapy; phytotherapy and medicinal plants. However, most rarely use PICs, with more than 70% reporting that they would recommend PICs and that, after learning about them, they would recommend them to their patients. Finally, 80% would like this subject to be addressed at the faculty in the curricular stage, and more than 90% would like to obtain more information about PICs. Conclusion: It was possible to notice that most medical students use or have already used integrative and complementary practices and had positive results. However, it was observed that knowledge during the medical course is scarce, requiring introduction in some curricular stage of the faculty, in the theoretical and practical scope. In addition, the students showed great interest in going deeper into the subject, so that it can be used as a therapeutic alternative.

**KEYWORDS:** Complementary Therapeutic Methods; Medical Students; Medical Education; Health Resources.

## 1 | INTRODUÇÃO

O modelo biomédico de saúde, biologicista e reducionista, vem sendo questionado por sua limitação ou incapacidade para lidar com outras dimensões do ser humano, as quais afetam diretamente sua qualidade de vida. Opcionalmente, tem progredido um modelo de atenção supostamente mais amplo, capaz de fundamentar uma assistência que reconhece as articulações e interações entre mente, corpo e ambiente<sup>14</sup>.

Com o advento da revolução científica e da revolução industrial, práticas terapêuticas que não apresentassem evidências científicas com base em métodos experimentais e em fenômenos matemáticos quantificáveis foram marginalizadas. Novas maneiras de tratar e curar as doenças foram surgindo com o uso dos medicamentos industrializados, que ganharam notoriedade com o desenvolvimento do modelo científico experimental, em

detrimento do uso de plantas medicinais<sup>6</sup>.

Os medicamentos alopáticos foram introduzidos no cotidiano das pessoas, não somente pelos profissionais de saúde, como também por campanhas publicitárias dos laboratórios, que produziam medicamentos com a promessa de curar as mais diversas doenças. No Brasil, na década de 1980, após vasta experiência com os medicamentos alopáticos, houve uma insatisfação da população em face dos efeitos adversos que provocavam, além do alto custo, que impedia o acesso a eles<sup>6</sup>.

Desse modo, resgatou-se o uso dos fitoterápicos no meio científico, para se juntarem aos medicamentos convencionais, apoiado pelas políticas públicas e regulamentado pelos respectivos Conselhos Federais quanto ao direito de exercer tais práticas. Essas medidas tinham o propósito de ampliar o acesso a outras opções de tratamento, com produtos seguros, eficazes e de qualidade, de forma integrativa. Entretanto, não se pensou em substituir o modelo convencional, mas em ter na fitoterapia uma prática complementar, principalmente no âmbito da Atenção Básica à saúde<sup>6</sup>.

As Práticas Integrativas e Complementares (PICs) inserem-se nesse contexto ao abordarem o indivíduo de forma holística, na prevenção ou no tratamento de doenças, enfocando o estilo de vida da pessoa, estado emocional, suas relações sociais e com a natureza, promovendo maior envolvimento entre o profissional de saúde e o usuário<sup>14</sup>.

A origem das práticas integrativas nos sistemas públicos de saúde vem de longa data. No final dos anos 1970, com a Primeira Conferência Internacional de Assistência Primária em Saúde (em Alma Ata, Rússia, 1978), as primeiras recomendações para a implantação das medicinas tradicionais e práticas complementares difundiram-se em todo o mundo. No Brasil esse movimento ganhou força a partir da Oitava Conferência Nacional de Saúde (1986), e desde então somente se expandiu<sup>12</sup>.

A origem das práticas integrativas nos sistemas públicos de saúde vem de longa data. No final dos anos 1970, com a Primeira Conferência Internacional de Assistência Primária em Saúde (em Alma Ata, Rússia, 1978), as primeiras recomendações para a implantação das medicinas tradicionais e práticas complementares difundiram-se em todo o mundo. No Brasil esse movimento ganhou força a partir da Oitava Conferência Nacional de Saúde (1986), e desde então somente se expandiu<sup>12</sup>.

A partir de Alma Ata, a Organização Mundial de Saúde (OMS) criou o Programa de Medicina Tradicional, objetivando a formulação de políticas em defesa dos conhecimentos tradicionais em saúde. Em vários de seus comunicados e resoluções, a OMS firmou o compromisso de incentivar os Estados-membro a formularem políticas públicas para uso racional e integrado das medicinas tradicionais e das medicinas complementares e alternativas nos sistemas nacionais de atenção à saúde, bem como para o desenvolvimento de estudos científicos para melhor conhecimento de sua segurança, eficácia e qualidade<sup>12</sup>.

Tais sistemas e recursos envolvem abordagens que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de

tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e com a sociedade. Outros pontos compartilhados pelas diversas práticas abrangidas nesse campo são a visão ampliada do processo saúde-doença e a promoção global do cuidado humano, especialmente do autocuidado<sup>12</sup>.

É nesse sentido que a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) veio favorecer a institucionalização do atendimento humanizado no SUS<sup>4</sup>. O Sistema Único de Saúde (SUS) aprovou em 2006 a PNPIC, que é uma política que propõe a inserção de outras terapêuticas no âmbito dos serviços públicos de saúde, a exemplo de fitoterapia, plantas medicinais, acupuntura e homeopatia<sup>14</sup>.

Em sua primeira publicação, a PNPIC incluía cinco práticas. Atualmente, encontram-se inseridos 29 práticas, que vão desde medicina tradicional chinesa até constelação familiar<sup>1</sup>.

A medicina tradicional (nomenclatura mais antiga) ou PICs (como atualmente tais práticas são nomeadas pelo Ministério da Saúde brasileiro) parece ter uma visão diferenciada, menos mercantilista e prioriza o processo saúde-doença-cuidado, com maior ênfase no tratamento ao doente, apresentando risco relativamente baixo e grande potencialidade desmedicalizante<sup>8</sup>.

Nos serviços de saúde, são recorrentes os indivíduos portadores de doenças crônicas e sofrimentos mentais, situações em que nem sempre o modelo biomédico é suficiente para a redução de sintomas e prevenção de agravos, tornando, assim, a inserção das PICs relevante para preencher tal carência<sup>1</sup>.

Mediante os contínuos estudos realizados no meio acadêmico, o reconhecimento científico construído em torno dessas terapêuticas tem influenciado sua aceitação como práticas de cuidado e, paulatinamente, sua incorporação por alguns profissionais de saúde. Para os usuários, a busca por serviços que ofereçam PICs tem se configurado num hábito comum no país, especialmente no que se refere à fitoterapia e plantas medicinais, práticas utilizadas para tratar diversos problemas de saúde na atenção primária, sobretudo na Estratégia Saúde da Família (ESF)<sup>14</sup>.

É incontestável a contribuição da medicina alternativa no saber/prático, buscando a autonomia do paciente. As PICs, por meio da terapêutica simples, dependem menos do cientificismo duro e rígido, sendo menos cara e mais acessível a todas as classes sociais. A OMS, em 2002, concluiu que as PICs apresentam um impacto econômico no sistema público da saúde, uma vez que, por serem de baixo custo, trazem grandes benefícios à população, principalmente para países subdesenvolvidos<sup>8</sup>.

Nesse contexto, as PICs representam um conjunto de recursos capazes de atuar nos diferentes aspectos da saúde, propiciando tanto a recuperação da saúde quanto a prevenção de doenças e agravos, sejam eles físicos ou mentais<sup>1</sup>. Elas se mostram vantajosas por se tratar de métodos não medicamentosos, voltados ao autocuidado,

que privilegiam a escuta acolhedora, o vínculo e a integração com o meio ambiente e a comunidade. Os profissionais que exercem esse modelo de cuidado ofertam alternativas diferentes de promoção da saúde e renovam o entendimento atual, que tende especialmente à medicalização e aos procedimentos invasivos<sup>5</sup>. As PICs representam uma perspectiva ampliada sobre o ser humano e o universo que o cerca, compreendem a integralidade da relação saúde-doença e consideram o sujeito dentro de uma dimensão global, ainda valorizando sua individualidade<sup>1</sup>.

Dessa forma, esse trabalho foi elaborado com o objetivo de analisar o conhecimento dos estudantes de medicina sobre o uso das PICs, além de avaliar a frequência e a motivação do uso desta terapêutica pelos discentes, a fim de incentivar o interesse nos alunos em um aprofundamento desse conhecimento tanto no ensino teórico quanto prático no decorrer da graduação, e com isso estimular a buscarem mais informações sobre essa alternativa terapêutica, para que possa vir a ser recomendada a seus futuros pacientes.

## **2 | OBJETIVOS**

### **2.1 Geral**

Identificar o conhecimento sobre a utilização PICS por acadêmicos de medicina do 6º, 7º e 8º período em uma instituição particular, localizada em Belém do Pará.

### **2.2 Específicos**

- a) Enumerar as PICs e suas finalidades mais utilizadas pelos estudantes de medicina;
- b) Caracterizar o perfil epidemiológico dos estudantes participantes da pesquisa;
- c) Estimular o uso de práticas integrativas tanto na comunidade acadêmica quanto na sociedade;

## **3 | METODOLOGIA**

### **3.1 Projeto de pesquisa**

Foi realizada uma pesquisa de campo abrangendo os estudantes de medicina do Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA) em que é uma instituição particular localizada no município de Belém-Pará. A metodologia escolhida para realizar esse projeto foi a técnica descritiva predominantemente quantitativo, aplicada de forma direta por meio da coleta de dados.

### **3.2 Aspectos éticos**

A pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil e submetida ao Comitê de Ética

em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA), respeitando à resolução de N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), com princípios regidos pelo Código de Nuremberg e de Helsinque.

A pesquisa foi aprovada pelo CEP sob o parecer de número 5.308.764 em 23 de março de 2022 (ANEXO A).

### **3.3 Local e período da pesquisa**

A pesquisa foi realizada no CESUPA, uma instituição de ensino particular localizada em Belém do Pará, no campus do Curso de Medicina. O período da coleta da pesquisa ficou compreendida entre os meses de março, abril e maio de 2022.

### **3.4 Público-alvo**

Foram convidados para a pesquisa estudantes do 6°, 7° e 8° período do curso de medicina do CESUPA, de ambos os gêneros, com idade entre 19 e 26 anos em sua maioria, na totalidade de 100 acadêmicos

### **3.5 Critérios de inclusão e exclusão**

Foram incluídos apenas estudantes cursando os 6°, 7° e 8° período do curso de medicina no primeiro semestre de 2022, matriculados no CESUPA e que aceitaram participar da pesquisa após leitura do TCLE, manifestando por escrito seu consentimento, sendo excluídos da pesquisa alunos de outros períodos do curso de medicina e os que, após a leitura do TCLE, não concordaram em participar da pesquisa.

## **4 | RESULTADOS**

### **4.1 Caracterização dos estudantes**

Foram incluídos na pesquisa 99 estudantes que aceitaram participar do questionário através do termo de consentimento livre e esclarecido. A maioria 66,7% era do gênero feminino e 33 eram do gênero masculino. Destes, 47,5% tinham idade de 22 a 25 anos e 37 eram do sexto semestre (Tabela 1).

Variável	Frequência (n = 99)	Porcentagem (%)
<b>Gênero</b> Feminino		
Masculino	66	66,7
	33	33,3
<b>Idade</b>		
19 a 21 Anos	34	34,3
22 a 25 Anos	47	47,5
26 ou mais	18	18,2
<b>Semestre MD6</b>		
	37	37,4
MD7	35	35,4
MD8	27	27,3

Tabela 1 - Características demográficas e semestre do curso dos estudantes do CESUPA, avaliados no primeiro semestre de 2022, Belém-Pará.

## 4.2 Caracterização geral das respostas

A maioria 83,8% sabiam o que são práticas integrativas e complementares e a maior parte 62,6% já fez uso de alguma delas, ao passo que 37,4% dos indivíduos não fizeram ou não souberam relatar (Tabela 2).

Variável	Frequência (n = 99)	Porcentagem (%)
<b>Sabem o que são as PICs</b>		
Não	16	16,2
Sim	83	83,8
<b>Já fez uso de alguma</b>		
	28	28,3
Não		
Não sei	9	9,1
Sim	62	62,6

Nota: PICs = Práticas Integrativas e Complementares.

Tabela 2 - Conhecimento sobre PICs dos estudantes de medicina do CESUPA, avaliados no primeiro semestre de 2022, Belém-Pará.

Quanto às técnicas que os estudantes fizeram uso, a mais utilizada foi aromoterapia por quase 40% dos alunos, seguida pela meditação com 32,3% de frequência e plantas medicinais/fitoterapia com 26,3% (Figura 1).

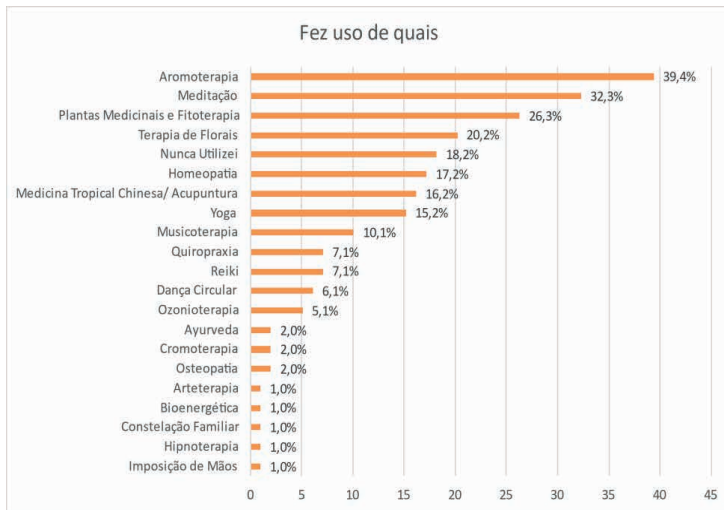


Figura 1 – PICs já utilizadas pelos discentes.

Em torno de 54,5% citaram que o objetivo para usar a técnica foi controlar ansiedade, 43,4% para melhorar sua qualidade de vida e 22,2% para melhorar a concentração (Figura 2).

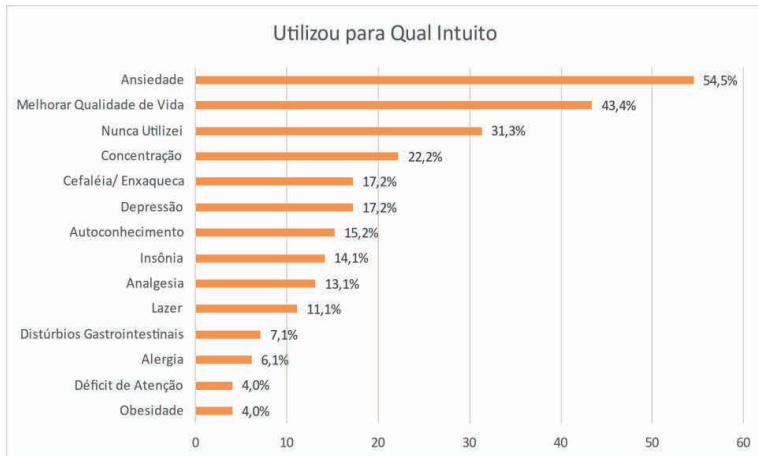
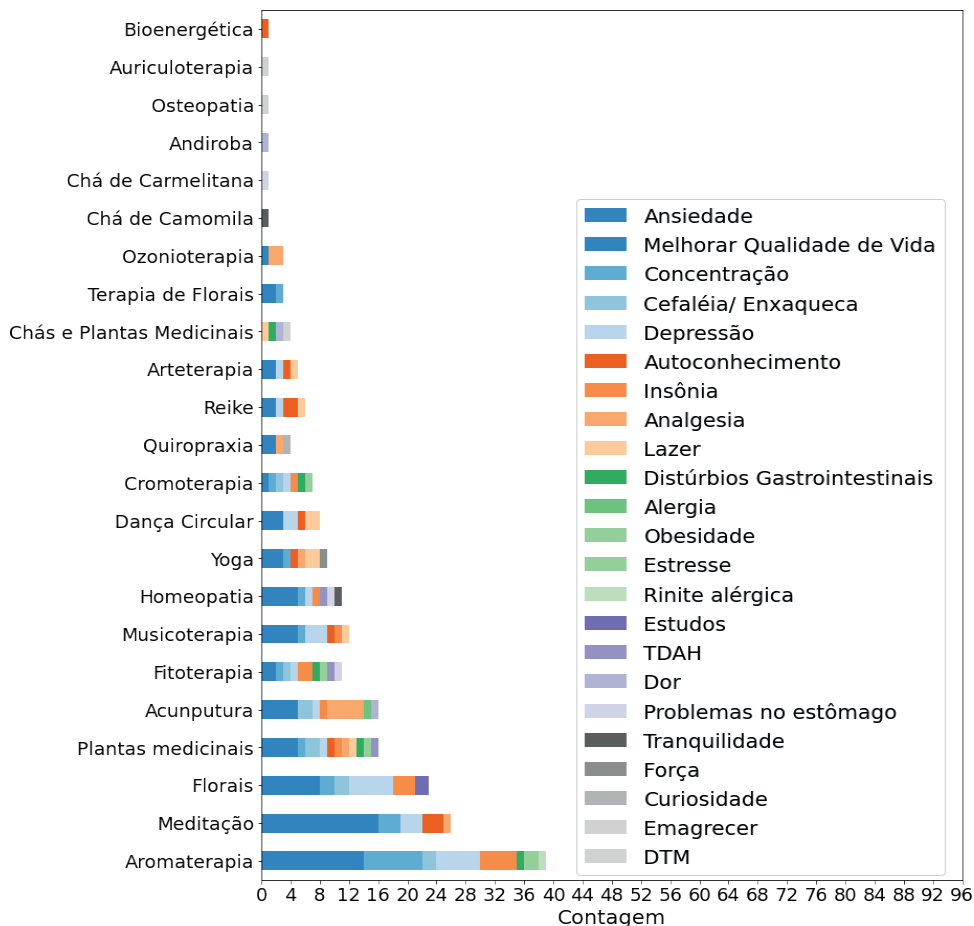


Figura 2 – Intuito da utilização de PICs pelos discentes.





Nota: TDAH = Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade; DTM = disfunção temporomandibular; PICs = Práticas Integrativas e Complementares.

Figura 3 – Relação entre as PICs e o objetivo da sua utilização pelos estudantes de medicina do CESUPA, avaliados no primeiro semestre de 2022, Belém-Pará.

Quanto à frequência de utilização, 20,2% citaram seu uso semanal e 15,2% relataram uso mensal (Figura 4).

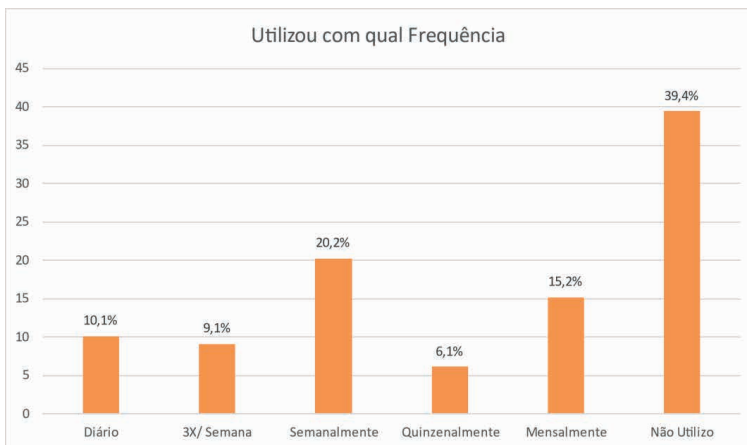


Figura 4 – Frequência da utilização das PICs pelos discentes.

Quanto à frequência de uso das PICs, a maioria 62,6% raramente faz uso das PICs, 19,2% dos indivíduos afirmaram usar frequentemente e 18,2% dos estudantes disseram nunca usar.

A maior parte dos estudantes que utilizaram as PICS informou ter obtido resultados positivos (Figura 5).

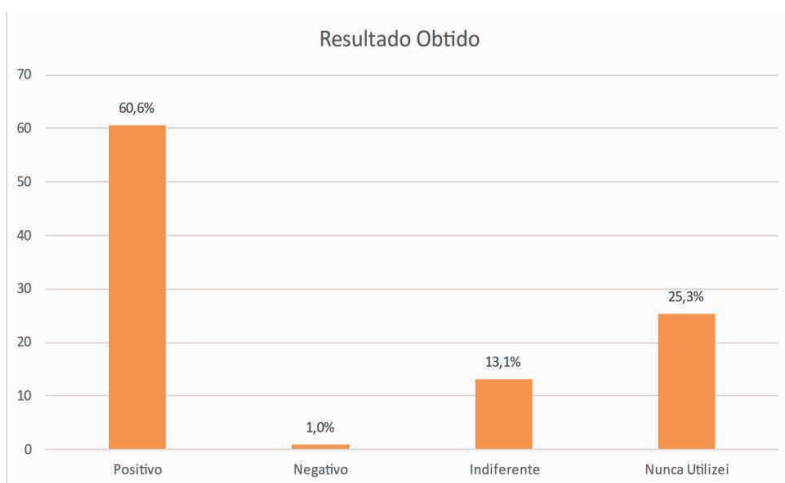


Figura 5 – Resultados obtidos pela utilização das PICs pelo discentes.

A maioria informou que recomendaria PICs para seus futuros pacientes. Além disso, 84 estudantes relataram que gostariam que o tema fosse abordado na faculdade em alguma etapa curricular ou extracurricular e quase todos (90%) disseram que gostariam de obter mais informações sobre estas (Figura 6).

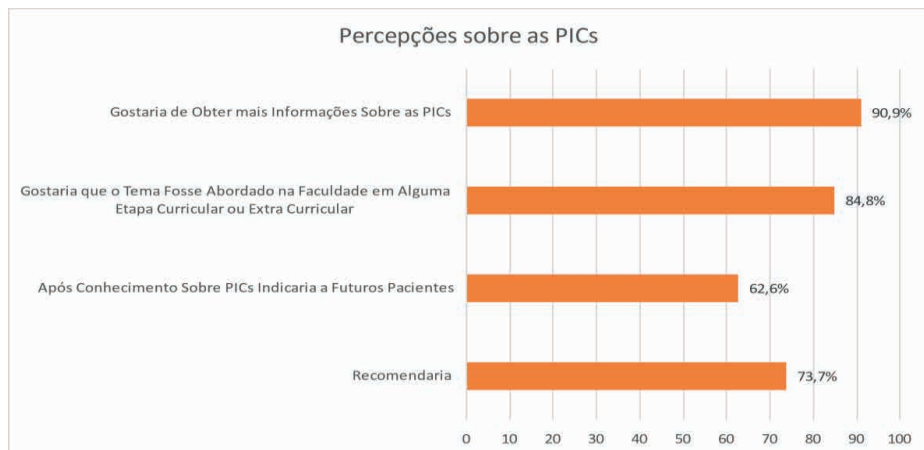


Figura 6 – Percepções sobre a utilidade das PICs.

### 4.3 Comparação do padrão de resposta entre os semestres

Em seguida, avaliou-se a relação entre as respostas ao questionário e o semestre dos discentes. Houve associação significativa ( $p=0,015$ ) entre semestre e a pergunta “sabe o que são práticas integrativas e complementares”: dos 37 indivíduos do sexto semestre, 11 (29,7%) não sabiam o que era PICs, uma proporção maior que o esperado; enquanto dos 35 indivíduos do sétimo semestre, 94,3% sabiam o que são práticas integrativas e complementares, sendo essa proporção maior (†) que o esperado. Ou seja, o sexto semestre esteve mais associado ao desconhecimento institucional até essa etapa, pois apenas no final do 6º semestre que é realizado uma única aula teórica em que aborda este tema, tornando esta discrepância também pelo período da aplicação dos questionários serem antes desta referida aula teórica, ao passo que o sétimo foi mais associado ao seu conhecimento (Tabela 3).

Variável	MD6 (n=37)	MD7 (n=35)	MD8 (n=27)	p-valor
<b>Sabe o que são PICs</b>				0,015
Não	11 (29,7)†	2 (5,7)*	3 (11,1)	
Sim	26 (70,3)*	33 (94,3)†	24 (88,9)	

Nota: As variáveis categóricas são exibidas como n (%). As percentagens são relativas ao total de cada coluna. Foi utilizado o qui-quadrado.

Legenda: \* = esta frequência foi inferior ao que seria esperado ao acaso; † = essa frequência foi superior ao esperado; MD6 = sexto semestre; MD7 = sétimo semestre; MD8 = oitavo semestre; PICs = Práticas Integrativas e Complementares.

Tabela 3 - Conhecimento sobre PICs e relação com o semestre dos estudantes de medicina do CESUPA, avaliados no primeiro semestre de 2022, Belém-Pará.

A Figura 7 exhibe graficamente estes achados.

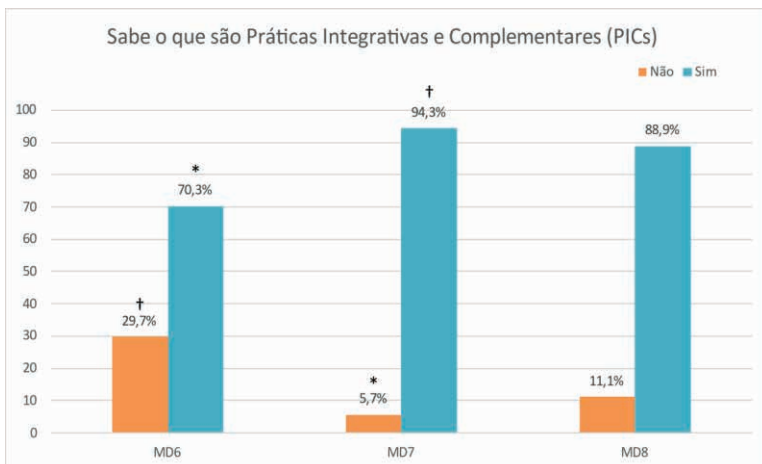


Figura 7 – Conhecimento sobre PICs e relação com o semestre.

A Tabela 4 mostra a associação entre o semestre do aluno e a resposta à pergunta “já fez uso de alguma das PICs”, em que não foi encontrado resultado significativo ( $p=0,391$ ), ou seja, o padrão de respostas a esta pergunta não variou significativamente entre os semestres do curso.

Variável	MD6 (n=37)	MD7 (n=35)	MD8 (n=27)	p-valor
<b>Já fez uso de alguma PICs</b>				0,391
Não/ não sei	17 (45,9)	11 (31,4)	9 (33,3)	
Sim	20 (54,1)	24 (68,6)	18 (66,7)	

Nota: As variáveis categóricas são exibidas como n (%). As porcentagens são relativas ao total de cada coluna. Foi utilizado o qui-quadrado.

Legenda: MD6 = sexto semestre; MD7 = sétimo semestre; MD8 = oitavo semestre; PICs = Práticas Integrativas e Complementares.

Tabela 4 - Utilização das PICs e relação com o semestre dos estudantes de medicina do CESUPA, avaliados no primeiro semestre de 2022, Belém-Pará.

A Figura 8 mostra a associação entre semestre e a frequência de utilização das PICs. Similarmente, não houve associação significativa com o semestre ( $p=0,649$ ).

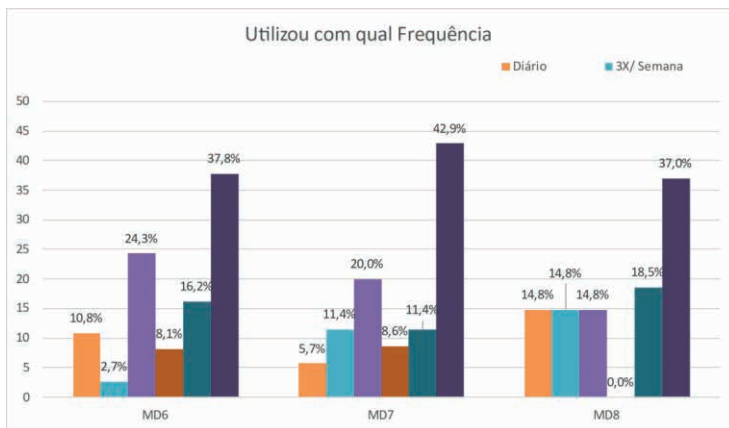


Figura 8 – Frequência de utilização das PICs e relação com o semestre dos estudantes de medicina do CESUPA, avaliados no primeiro semestre de 2022, Belém-Pará.

Em relação à utilização do termo no meio acadêmico, não houve associação significativa ( $p=0,719$ ), ou seja, o padrão de respostas não variou significativamente entre os semestres (Tabela 5).

Variável	MD6 (n=37)	MD7 (n=35)	MD8 (n=27)	p-valor
<b>No seu meio acadêmico, é comum o uso de PICs</b>				0,719
Frequentemente	9 (24,3)	6 (17,1)	4 (14,8)	
Raramente	20 (54,1)	24 (68,6)	18 (66,7)	
Nunca	8 (21,6)	5 (14,3)	5 (18,5)	

Nota: As variáveis categóricas são exibidas como n (%). As percentagens são relativas ao total de cada coluna. Foi utilizado o qui-quadrado.

Legenda: MD6 = sexto semestre; MD7 = sétimo semestre; MD8 = oitavo semestre; PICs = Práticas Integrativas e Complementares.

Tabela 5 - Utilização das PICs no meio e relação com o semestre dos estudantes de medicina do CESUPA, avaliados no primeiro semestre de 2022, Belém-Pará.

A Tabela 6 exibe a associação entre os semestres e os resultados obtidos com as abordagens das PICs, se os alunos consideraram seus efeitos positivos, negativos ou indiferentes. Também neste caso não houve associação significativa ( $p=0,893$ ).

Variável	MD6 (n=37)	MD7 (n=35)	MD8 (n=27)	p-valor
<b>Resultado obtido após uso de PICs</b>				0,893
Positivo	23 (62,2)	21 (60,0)	16 (59,3)	
Negativo	0 (0,0)	1 (2,9)	0 (0,0)	
Indiferente	5 (13,5)	5 (14,3)	3 (11,1)	
Nunca utilizei	9 (24,3)	8 (22,9)	8 (29,6)	

Nota: As variáveis categóricas são exibidas como n (%). As percentagens são relativas ao total de cada coluna. Foi utilizado o qui-quadrado.

Legenda: MD6 = sexto semestre; MD7 = sétimo semestre; MD8 = oitavo semestre; PICs = Práticas Integrativas e Complementares.

Tabela 6 - Resultados obtidos pelas PICs e relação com o semestre dos estudantes de medicina do CESUPA, avaliados no primeiro semestre de 2022, Belém-Pará.

A Figura 09 mostra a associação entre semestre e as perguntas: “após conhecimento sobre PICs, indicaria a futuros pacientes”, “gostaria que o tema fosse abordado na faculdade em alguma etapa curricular ou extracurricular” e “gostaria de obter mais informações sobre as PICs”.

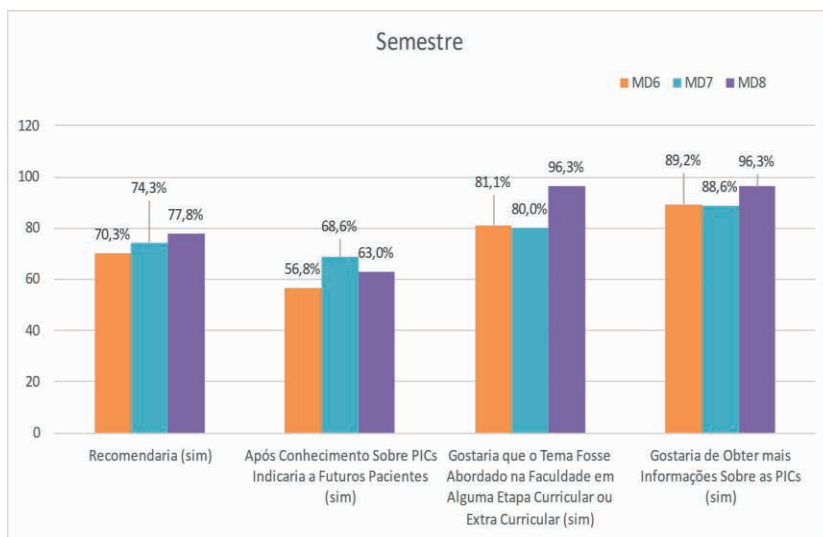


Figura 09 – Percepção sobre a utilidade das PICs e relação com o semestre dos estudantes de medicina do CESUPA, avaliados no primeiro semestre de 2022, Belém-Pará.

## 5 | DISCUSSÃO

Este estudo objetivou estimar o conhecimento e a utilização de práticas integrativas e complementares nos estudantes de medicina do 6º ao 8º período do curso de medicina do CESUPA, nos quais foi aplicado um questionário a 99 destes alunos, que aceitaram

participar da pesquisa. Foi observada uma maior prevalência do gênero feminino (66,7%) em relação ao gênero masculino (33,7%). Isso foi também demonstrado em um estudo realizado em Monte Carlos - MG, com prevalência de 69,7% do público feminino de cursos da área da saúde relacionados ao uso específico da fitoterapia, que é uma das PICs2.

Foi instituída em 2006 a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, através da portaria GM/MS nº 971, com o objetivo de incentivar, implementar e expandir as PICs em todo território brasileiro, oferecidas pelo SUS, mas que primeiramente contemplou e ofertou como serviços de saúde apenas homeopatia; medicina tropical chinesa/acupuntura; plantas medicinais; fitoterapia; medicina antropofísica e termalismo social/crenoterapia, sendo modificada em 2017 e 2018, em que se somaram outras PICs, totalizando 29 práticas que geram inúmeras possibilidades terapêuticas para os usuários6–8.

Em relação ao conhecimento sobre as práticas integrativas e complementares, foi constatado que maioria dos estudantes (83,8%) já conhecia o referido tema, porém um estudo feito em estudantes de medicina de uma faculdade de São Paulo descreve que mais de 70% dos estudantes tem pouco conhecimento a respeito de homeopatia e acupuntura, que são algumas das PICs, o que reforça que, por mais que os alunos destes estudos conheçam as PICs, mais de 80% relataram que o uso no seu meio acadêmico é raro ou nunca é aplicado, o que demonstra que o estudo relatado a cima possa ter utilizado métodos mais acurado para aquisição de dados em comparação ao nosso estudo9.

Outro ponto a ser abordado é que mais de 70% dos alunos questionados recomendariam o uso das PICs, o que corrobora ainda mais para que esse assunto seja abordado de forma prática no decorrer do curso e que, após esse conhecimento, em torno de 62% dos estudantes indicariam o seu uso para os seus pacientes. Foi constatado em estudo feito em Santa Catarina que 84% dos estudantes responderam que, além de indicar, apoiariam o uso da PICs em seus familiares e pacientes10.

Ademais, foi constatado que 85,8% dos estudantes gostariam que o tema fosse abordado na faculdade em alguma etapa curricular ou extracurricular, e mais de 90% gostariam de obter mais informações acerca do assunto. Além disso, foi constatado em um artigo conduzido em Santa Cruz do Sul que 87,3% dos estudantes gostariam que as PICs fossem implementadas no currículo durante o curso, considerando o assunto importante para a formação11. Outro estudo, também em Santa Catarina, evidenciou um interesse acima de 50% por estudantes em aprender sobre esse tema no decorrer do curso12.

Além disso, o Ministério da Saúde criou e implementou políticas governamentais com o objetivo de divulgar e informar profissionais da saúde sobre os conhecimentos básicos sobre as PICs, objetivando garantir o acesso, a qualidade, a eficiência e a garantia do uso das PICs em seus pacientes, e assim estimular o uso da medicina alternativa como aliada à medicina convencional13.

Além disso, foi possível observar neste estudo que maior parte dos alunos (62,6%) já fez uso de alguma delas, sendo utilizadas por 20,2% dos discentes semanalmente e

obtendo resultados positivos pela maioria destes ( 60,6%). Também foi observado que a técnica mais citada foi a aromaterapia, a qual foi utilizada por 39 alunos (39,4%), e em segundo lugar a meditação, utilizada por 32,3% dos participantes, visando à melhora de quadros de ansiedade e da qualidade de vida, em sua maioria.

Neste estudo, observou-se que mais de 60% dos pesquisados que utilizaram uma ou mais PICs obtiveram resultados positivos em relação ao objetivo do seu uso, sendo muito frequente sua utilização principalmente para sintomas relacionados a ansiedade. Corroborando os seguintes resultados, em um estudo feito em uma universidade de medicina no município de São Paulo, foi implementada uma das PICs, a Terapia Comunitária Integrativa (TCI), a qual foi ofertada para estudantes do primeiro ao sexto ano, em que estes tinham acesso a um espaço de acolhimento e apoio entre si e por profissionais como terapeutas, que proporcionavam, além da escuta e da conversa, o compartilhamento de experiências e desabafos, com objetivo de melhorar a qualidade de vida desses estudantes, promover uma melhor adaptação à vida adulta e minimizar efeitos na saúde mental, como estresse promovido ao longo do curso. Além disso, outras PICs foram aplicadas para auxiliar a TCI nesse estudo citado acima, a citar: meditação, musicoterapia e aromaterapia, todas como forma de melhorar principalmente os sintomas físicos de ansiedade, pânico e estresse. Ao final deste estudo, os alunos relataram que os sintomas diminuía ou desapareciam no decorrer dos semestres, melhorando a qualidade de vida, o bem-estar físico e a saúde mental dos discentes<sup>14</sup>.

Como limitações desse estudo, podemos citar que não foram abordadas de quais as práticas o estudante tem menos conhecimento, em quais eles gostariam de adquirir mais conhecimento, quais PICs eles veem mais na prática com seus pacientes e como eles gostariam que este tema fosse aplicado na grade curricular. Além disso, um viés que foi encontrado em nosso estudo, foi a aplicação do questionário ser antes da única aula teórica em que o 6º semestre do curso de medicina tem, aumento assim o desconhecimento dos alunos deste específico semestre. Tais tópicos podem ser expandidos e abordados em um próximo estudo, com ampliação da amostra, o que tornaria os resultados mais fidedignos, porém com os resultados obtidos nesse estudo, vemos a necessidade e o interesse dos estudantes sobre as PICs e sua aplicação em meio a doenças.

## 6 | CONCLUSÃO

Diante dos resultados obtidos no presente estudo, foi possível perceber que a os alunos entrevistados em sua maioria é composta do gênero feminino, sendo a faixa etária mais frequente entre 22 e 25 anos de idade. Além disso, foi notado que a maior parte dos entrevistados também já conhecia e já fez uso de uma ou mais PICs como medida terapêutica, obtendo resultados positivos, no geral.

Ademais, foi observado que a aromaterapia foi a principal técnica utilizada pelos



estudantes, seguida de meditação e terapia de florais, sendo sobretudo utilizadas para controle de sintomas associados a ansiedade e melhoria da qualidade de vida.

Observou-se ainda o interesse dos alunos para que as PICs fossem abordadas em alguma etapa curricular ou extracurricular na faculdade, como forma de obterem mais conhecimento, pois a maior parte recomendaria ou indicaria aos seus pacientes. Além disso, foi observado que o uso das PICs trouxe benefícios ao longo dos semestres, mostrando a importância de estimular a utilização das PICs pelos alunos, com o objetivo de melhorar o desempenho acadêmico, a saúde mental dos estudantes de medicina.

É possível concluir que, apesar dos discentes terem conhecimento acerca das PICs, elas ainda não fazem parte da rotina dos atendimentos, pois foi observado que há pouca informação ao longo do curso. Nossos dados apontam para a grande importância da propagação do conhecimento das PICs, seja por meio de aulas teóricas, seja por meio da criação de ambulatórios, objetivando fornecer mais segurança aos alunos ao indicar uma das PICs a seus pacientes como forma de tratamento ou como medida auxiliar terapêutica, exemplificando na prática como é feito, como já é visto em outros ambulatórios e especialidades da área da saúde, ampliando assim os recursos de terapêutica e contribuindo com o papel do médico.

Uma sugestão para a ampliação do conhecimento das PICS, seria a inclusão das práticas dentro da grade curricular dos cursos da área de saúde, sejam em mais discussões, projetos de extensão e disciplinas optativas. Acredita-se que isso poderá auxiliar que o estudante tenha mais opções de tratamento para seu paciente, ao conhecer mais a teoria e a aplicabilidade das PICs, de forma a oferecer um tratamento alternativo à medicina convencional, e assim mais individualizado e específico.

## REFERÊNCIAS

1. Aguiar, J., Kanan, L. A. & Masiero, A. V. **Práticas Integrativas e Complementares na atenção básica em saúde: um estudo bibliométrico da produção brasileira.** *Saúde debate* 43, 1205–1218 (2019).
2. BRASIL, M. da S. **Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares - PMNPC.** (2005).
3. BRASIL, M. da S. **Portaria no 702, de 21 de março de 2018** - Altera a Portaria de Consolidação no 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC. (2018).
4. BRASIL, M. da S. **Portaria no 849, de 27 de março de 2017** - Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. (2017).
5. BRASIL, M. da S. **Portaria no 971, de 3 de maio de 2006** - Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. (2006).

6. Feitosa, M. H. A., Soares, L. L., Borges, G. A., Andrade, M. M. & Costa, S. de M. **Inserção do Conteúdo Fitoterapia em Cursos da Área de Saúde.** *Rev. bras. educ. med.* 40, 197–203 (2016).
7. Goecks, D. R., Morsch, L. M. & Silva, C. de M. da. **Formação de estudantes da área da saúde em práticas integrativas e complementares.** *RIPS 2*, 84– 91 (2020).
8. Gontijo, M. B. A. & Nunes, M. de F. **Práticas integrativas e complementares: conhecimento e credibilidade de profissionais do serviço público de saúde.** *Trab. educ. saúde* 15, 301–320 (2017).
9. Kùlkamp, I. C., Burin, G. D., Souza, M. H. M. de, Silva, P. da & Piovezan, A. P. **Aceitação de práticas não-convencionais em saúde por estudantes de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina.** *Rev. bras. educ. med.* 31, 229–235 (2007).
10. Morales, N. M., Min, L. S. & Teixeira, J. E. M. **Atitude de Estudantes de Medicina frente a Terapias Alternativas e Complementares.** *Rev. bras. educ. med.* 39, 240– 245 (2015).
11. Otaviano, D., Otaviano, J. V., Otaviano, J. & Oliveira, N. **Terapia Comunitária Integrativa: uma prática mobilizadora de autocuidado e educação emocional e saúde integral para estudantes do curso de medicina.** *Temas em Educação e Saúde* 422–431 (2020) doi:10.26673/tes.v16iesp.1.14321.
12. Telesi Júnior, E. **Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS.** *Estud. av.* 30, 99–112 (2016).
13. Teixeira, M. Z., Chin, A. L. & Martins, M. de A. **Homeopathy and acupuncture teaching at Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: the undergraduates' attitudes.** *Sao Paulo Med. J.* 123, 77–82 (2005).
14. Varela, D. S. S. & Azevedo, D. M. de. **Saberes e práticas fitoterápicas de médicos na estratégia saúde da família.** *Trab. educ. saúde* 12, 273–290 (2014).